



## Linguistic relativism and universalism: some considerations on language and thought

### Relativismo e universalismo linguístico: algumas considerações sobre linguagem e pensamento

CARMO, Leonardo Sena do<sup>(1)</sup>

<sup>(1)</sup>  0000-0002-8786-9766; Doutorando em Geografia Humana pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH), da Universidade de São Paulo (USP). São Paulo, SP, Brazil. E-mail: leonardo.s3na@gmail.com; leonardo.sena@usp.br

O conteúdo expresso neste artigo é de inteira responsabilidade dos/as seus/as autores/as.

#### ABSTRACT

Language establishes itself as one of the oldest branches - since Ancient Greece - of systematic investigation. Thus, it is important to emphasize that language is a frequent object of academic analysis in both the social sciences and the exact sciences, but without a consensual understanding of its "nature". The debate focuses mainly on how language emerges in the species and its relation to human thought. So, we analyze two of the main currents of thought that have undertaken linguistic studies with respect to this issue, such as 1. The school of linguistic relativity; and 2. The school of linguistic universalism. For this purpose, it was fundamental to conduct a bibliographic research - in journals, theses and books - which allowed us to grasp the theoretical approach of both schools. Thereby, throughout this article, we seek to understand the different approaches to the relationship between language and thought, in such a way that we conduct a general analysis of relativism and then address linguistic universalism. Therefore, the debate about language and its relation with thought is established as one of the most relevant elements in the history of human society.

#### RESUMO

A linguagem estabelece-se como um dos ramos mais longínquos – desde a Grécia Antiga – de investigação sistemática. Assim, torna-se importante acentuar que a linguagem é objeto frequente de análise acadêmica tanto nas ciências sociais quanto nas ciências exatas, mas sem um entendimento consensual quanto à sua "natureza". O debate se concentra, principalmente, sob a forma como a linguagem emerge na espécie e sua relação com o pensamento humano. Destarte, analisamos duas das principais correntes de pensamento que empreenderam estudos linguísticos no que diz respeito a esta questão, tais quais são: 1. A escola da relatividade linguística; e 2. A escola do universalismo linguístico. Para tanto, revelou-se fundamental realizar uma pesquisa bibliográfica – em periódicos, teses e livros – que permitiu apreender a abordagem teórica de ambas escolas. Desse modo, ao longo do presente artigo, procuramos compreender as diferentes abordagens acerca da relação entre linguagem e pensamento, de tal maneira que, realizamos uma análise geral sobre o relativismo para em seguida abordarmos o universalismo linguístico. Logo, o debate acerca da linguagem e sua relação com o pensamento estabelece-se com um dos elementos mais relevantes da história da sociedade humana.

#### INFORMAÇÕES DO ARTIGO

##### **Histórico do Artigo:**

Submetido: 15/08/2022

Aprovado: 28/12/2022

Publicação: 10/01/2023



##### **Keywords:**

Linguistic relativism,  
linguistic universalism,  
language, thought, human  
society.

##### **Palavras-Chave:**

Relativismo linguístico,  
universalismo linguístico,  
linguagem, pensamento,  
sociedade humana.

## Introdução

O estudo sobre a linguagem é um dos ramos mais antigos de investigação sistemática, de tal modo que, se estabelece como um campo frequente de debates entre sofistas e filósofos. Contudo, sob outro ponto de vista, as principais pesquisas ganharam forma somente a partir do início do séc. XX, quando “[...] algumas das idéias predominantes na tradição foram retomadas e reconstruídas, abrindo caminho para uma investigação que se tem comprovado muito produtiva” (Chomsky, 1998, p. 17)<sup>1</sup>.

A compreensão sobre as questões relativas à natureza da linguagem humana tal como o seu percurso evolutivo e a forma como é adquirida indiscutivelmente demonstra-se uma tarefa intrincada (Campos, 2011). Sobretudo levando em consideração que não existe um entendimento consensual dos termos “língua” ou “linguagem”, uma vez que a investigação científica pode ser realizada tanto por uma perspectiva antropológica quanto por um prisma biológico (versões que geralmente divergem).

Mas conforme acentua Chomsky (1998, p. 20), “cada abordagem define o objeto de sua investigação à luz de suas preocupações especiais; e cada uma deveria tentar aprender o que pode com as outras”<sup>2</sup>. Logo, se faz imprescindível salientar que existe uma diferença fundamental entre língua e linguagem, como assevera Saussure ([1916] 2006, p. 17):

Mas o que é a língua? Para nós, ela não se confunde com a linguagem; é somente uma parte determinada, essencial dela, indubitavelmente. É, ao mesmo tempo, um produto social da faculdade de linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos. Tomada em seu todo, a linguagem é multiforme e heteróclita; o cavaleiro de diferentes domínios, ao mesmo tempo física, fisiológica e psíquica, ela pertence além disso ao domínio individual e ao domínio social; não se deixa classificar em nenhuma categoria de fatos humanos, pois não se sabe como inferir sua unidade.

Como elucidada pelo autor, umas das principais características que corrobora para esta discussão é justamente a falta de prova que a função da linguagem seja inteiramente uma função natural, isto é, não se comprovou que nosso aparelho vocal tenha sido feito para falar, tal como nossas pernas foram feitas para andar (Saussure, [1916] 2006). Assim, o

---

<sup>1</sup> Outra característica que contribui para a presente afirmativa é que somente entre o final do século XIX e o início do século XX – principalmente com a publicação do livro “Curso de Linguística Geral”, em 1916, de Ferdinand de Saussure – que a linguística adquire o *status* de ciência.

<sup>2</sup> De acordo com Hauser, Chomsky e Fitch (2002), o quadro metodológico mais adequado para uma compreensão sobre a faculdade da linguagem carece de cooperação interdisciplinar que envolva a biologia evolucionária, a antropologia, a psicologia e a neurociência.

debate acerca da linguagem intriga diversos pesquisadores das mais diversas áreas de estudos, e estar longe de um consenso científico. Portanto, por mais que pese o esforço da reconstituição da fala humana realizada pelos seguidores do método histórico-comparativo<sup>3</sup>, o resultado alcançado só pôde regressar alguns milênios, e até mesmo o protoindo-europeu e outras protolínguas são reconstituições hipotéticas (Rodríguez, 1998).

Nesse sentido, ao longo dos estudos linguísticos desenvolveram-se duas correntes importantes, quais sejam: 1) A escola da relatividade linguística (animada pelo conceito conhecido como hipótese Sapir-Whorf); e 2) A escola dos universais linguísticos (mais notavelmente, a partir da teoria da gramática universal de Noam Chomsky). A primeira, leva em consideração as línguas consideradas individualmente, como também, compreende que o idioma pertencente a um falante molda sua percepção de mundo. A segunda, ressalta que o ser humano vem programado com um equipamento biológico inato de adquirir linguagem, e que independentemente do impacto do contexto (ambiente), o homem possui elementos linguísticos presentes em qualquer língua.

Tendo em vista essas questões, vale salientar que a análise sobre o relativismo linguístico dar-se-á para além dos limites da “hipótese Sapir-Whorf”, à medida que autores como Wilhelm von Humboldt e Franz Boas foram imprescindíveis através da tradição filosófica e cultural para as formulações de Edward Sapir e Benjamin Lee Whorf. Concomitantemente, tentamos compreender como o universalismo linguístico conduzido pela gramática universal de Noam Chomsky se apresentaria como escola do pensamento oposta à do relativismo linguístico. Dessa maneira, o trabalho consistiu num levantamento e revisão bibliográfica que possibilitou apreender a discussão inerente ao tema investigado.

### **Relativismo: uma visão geral**

Quando nos remetemos ao termo “princípio da relatividade”, inevitavelmente o associamos à teoria desenvolvida por Albert Einstein no início do século XX, no qual o autor propõe uma inter-relação de tempo, espaço e matéria. A concepção desta ideia passa a ser bastante difundida no âmbito científico à medida que se estende a outras áreas do conhecimento. Possibilitando, assim, novos modos de abordagem a diferentes teorias e prezando por guardar visões particulares de enxergar a realidade (Sampaio, 2018).

De acordo com Gonçalves (2008) é importante ressaltar que o relativismo não se estabelece enquanto uma doutrina filosófica, mas se constitui como uma espécie de conjunto de visões sobre questões concernente a verdade, a razão e a cognição. Quer dizer, “o relativismo, de maneira geral, consiste em afirmar que algum aspecto relacionado a

---

<sup>3</sup> Seguindo a teoria evolucionista dominante, que supunha que as línguas também obedeciam às leis biológicas – como outros organismos –, estudava-se a evolução histórica da língua em comparação com as demais conhecidas. Para saber mais, ver Rodríguez (1998).

temas como verdade, razão, experiência, percepção, é relativo a alguma outra coisa” (Gonçalves, 2008, p. 8).

Para além disso, o mesmo autor propõe ao menos três tipos principais de relativismo: 1. O relativismo conceitual, parte da negação que todos possuem a mesma bagagem de conceitos para interagir com a realidade, corroborando com a ideia que cada grupo diferente possui realidades distintas; 2. O relativismo perceptual, afirma que a percepção da realidade – no que concerne ao tempo, cultura, língua, etc. – difere entre grupos, uma vez estes grupos vivem “mundos distintos”; e 3. O relativismo da verdade ou de valor de verdade, que se refere às circunstâncias na qual algumas coisas podem significar verdade para um grupo, enquanto para outro se estabelece como falsa.

A introdução do relativismo nas ciências filosóficas – e antropológicas – indiscutivelmente contribuiu posteriormente para sua inserção aos estudos da linguagem. De tal maneira que, características particulares do relativismo conceitual e do relativismo perceptual relaciona-se diretamente com o relativismo linguístico<sup>4</sup>.

### ***O relativismo linguístico***

O relativismo linguístico pode ser compreendido como uma proposta em que a língua de um indivíduo exerce influência com a sua maneira de apreender o mundo e de influenciar o seu pensamento acerca da realidade. Destarte, diferentemente do que alguns linguistas e psicólogos afirmam, a tese da relatividade linguística refuta a ideia da existência de propriedades inatas universais comum a todas as línguas humanas.

Segundo Gipper (1979), para o entendimento dos fundamentos do princípio da relatividade linguística é impreterível distinguir três conceitos que estão delineados na tradição filosófica alemã, são eles: 1. *Weltbild*, entendido como uma visão científica das interconexões do mundo – cosmografia –, que corresponde ao pensamento científico de uma época; 2. *Weltanschauung*, representa a crença humana na natureza do mundo e dos assuntos humanos, particularizada por englobar concepções religiosas ou políticas; e 3. *Sprachliche Weltansicht* ou *Sprachliches Weltbild*, significa que nossa experiência do mundo está para além dos nossos sentidos, abrangendo também as categorias da língua que aprendemos, isto é, “o vocabulário que usamos constrói uma visão específica das coisas, dos fatos e dos acontecimentos. Sprachliches Weltbild é uma condição a priori que torna possível o pensamento e a fala específica” (GIPPER, 1979, p. 3, grifos do autor)<sup>5</sup>.

---

<sup>4</sup> No que concerne ao relativismo conceitual, podemos notar que alguns conceitos podem ser relativos para indivíduos que falam línguas diferentes. Já em referência ao relativismo perceptual, é possível observar que autores como Edward Sapir e Benjamin Lee Whorf incorporam este tipo de relativismo em suas análises, ao passo que apreendem que línguas diferentes contribuem para enxergar o mundo de modo distinto.

<sup>5</sup> No trecho original: “the vocabulary we use construes a specific view of things, of facts, and of events. Sprachliches Weltbild is an a priori condition making specific thought and speech possible”.

Para os relativistas, cada língua apresenta-se de forma singular e as numerosas diversidades nas categorias gramaticais que cada idioma possui, indiscutivelmente devem ser levadas em conta. Conforme salienta Steiner (1972, p. 15) “o caso monadista sustenta que as diferenças entre os idiomas superam as semelhanças”<sup>6</sup>. Posto desse modo, a hipótese do relativismo linguístico, em princípio, se apresenta da seguinte forma: 1) a variável independente na relação é a *língua*; 2) as variáveis dependentes são *as experiências, as crenças, as percepções, a visão de mundo e os conceitos* (Gonçalves, 2018; Rojas & Gomes, 2017).

A língua, portanto, seria uma espécie de “veículo ocular” para a percepção da realidade e, conseqüentemente, não haveria uma visão neutra da realidade ao passo que línguas divergentes proporcionaria conceituações muito complexas do real (Rojas & Gomes, 2017). Assim, tendo explorado os principais pontos que alicerçam o princípio da relatividade linguística, vale salientar que ao longo do desenvolvimento dessa hipótese, a literatura começou a distinguir duas versões: 1. A versão forte (também conhecida como determinismo linguístico), assegura que a língua de uma pessoa determina o seu pensamento e sua visão de mundo; e 2. A versão fraca, afirma que a língua influencia o pensamento e a visão de mundo do indivíduo<sup>7</sup>.

Por fim, vale destacar que a versão forte da hipótese é a que enfrenta maiores críticas, essencialmente pela falta de evidências empíricas que suporte tais afirmações. Bem como por proposições tais como a incapacidade de compreensão de conceitos em outros sistemas linguísticos e até mesmo a impossibilidade de tradução de uma língua para a outra.

### ***Pensando o relativismo linguístico antes de Benjamin Lee Whorf***

A hipótese da relatividade linguística estar associada a autores como Edward Sapir e Benjamin Lee Whorf, ou a conhecida “hipótese Sapir-Whorf”. Contudo, torna-se pertinente acentuar que, em alguma medida, as ideias relativistas podem ser identificadas antes dos trabalhos de Sapir e Whorf. Para Gonçalves (2008), essa “simplificação” chega a ser grosseira à medida que, mesmo não sendo possível identificar explicitamente o relativismo linguístico antes dos trabalhos de Sapir, é possível encontrar desde a Antiguidade a hipótese da relatividade linguística nos debates entre sofistas e filósofos (embora seja de maneira especulativa e não empírica).<sup>8</sup>

Assim, os estudos comparativos no século XIX contribuíram para autores como Wilhelm von Humboldt (1767-1835) – irmão mais velho do geógrafo Alexander von

---

<sup>6</sup> No trecho original: “The monadist case holds that differences between languages outweigh similarities.

<sup>7</sup> A versão fraca normalmente está relacionada a noção de relativismo ou relatividade linguística, enquanto que a versão forte, foi baseada sobretudo na proposta de Benjamin Lee Whorf.

<sup>8</sup> Essa tradição remonta a pensadores tais como Hamann, Herder, Condillac, Schleiermacher, Francis Bacon, John Locke. Para saber mais, ver Gonçalves (2008).

Humboldt (1769-1859) – realizar análises de diversas línguas e proceder comparações tanto em sua estrutura quanto em sua história. Portanto, por mais conhecido que seja os trabalhos de pesquisas comparativas de Whorf, “[...] o relativismo linguístico consiste numa linha de pensamento cujas ideias bases são muito anteriores a Whorf. [...] Wilhelm von Humboldt (1988), Franz Boas (1938) e Edward Sapir (1921, 1949) contribuíram para a hipótese” (Marques, 2014, p. 5).

Torna-se importante destacar que o “relativismo linguístico” em Humboldt não é formulado de modo explícito e até pode soar controverso uma vez que autores como Noam Chomsky o consideram de base racional universalista. Destarte, para Gonçalves (2008), a dificuldade de categorização encontrada repousa justamente no caráter complexo das ideias linguísticas do autor. Todavia, vale destacar que para Humboldt (citado por Robl, 1975), as diversidades encontradas nas línguas não dizem respeito tanto as diferenças de sons e signos, mas sobre as concepções de mundo.

Nessa perspectiva, Franz Boas (1858-1942) é outro autor que corrobora significativamente para formulação da relatividade linguística nas proposições de Sapir e Whorf. Boas exprime o pensamento relativista em sua obra quando compreende que categorias de uma determinada língua não se aplicam a todas as línguas do mundo, isto é, “[...] pode-se inferir que falantes de línguas diferentes utilizam-se de diferentes categorizações da realidade, já que, segundo a lógica do pensamento boasiano, a realidade não se apresenta do mesmo modo para todos (Lima, 2020, p. 16).

Conforme salientado, será nos trabalhos desenvolvidos por Edward Sapir (1888-1939), que perceberemos o relativismo linguístico de modo mais evidente. Desde já, para uma compreensão do relativismo proposto pelo autor, faz-se necessário discorrer sobre sua concepção de linguagem. Diante disso, Sapir ([1921] 1994) acentua que a fala é um feito tão natural pertencente ao nosso cotidiano que raras são as vezes que nos preocupamos em defini-la, mas lembra que tal naturalidade é apenas uma impressão. Basicamente porque diferentemente do feito de andar que é uma função orgânica, a fala é uma função adquirida culturalmente, “a linguagem é um método exclusivamente humano, e não instintivo, de comunicar ideias, emoções e desejos por meio de um sistema de símbolos produzidos de maneira deliberada” (SAPIR, [1921] 1994, p. 14).<sup>9</sup>

Nesse sentido, Sapir ([1921] 1994) rompe com o modelo teórico que situa a linguagem apenas como função cognitiva biológica. Conforme elucida o autor, não existe órgãos de fala, apenas órgãos – tais como os pulmões, a abóbada palatina, a laringe, os lábios, o nariz, os dentes e a língua – para a produção da fala. Destarte, é fundamental apreender a linguagem não apenas como um meio para comunicação, mas antes como um guia para a realidade concreta do mundo.

---

<sup>9</sup> No trecho original: “el lenguaje es un metodo exclusivamente humano, y no instintivo, de comunicar ideas, emociones y deseos por medio de un sistema de simbolos producidos de manera deliberada”.

É uma ilusão e tanto imaginar [...] que a linguagem é apenas um meio incidental de resolver problemas específicos de comunicação ou reflexão. O fato é que o "mundo real" é, em grande parte, inconscientemente construído sobre os hábitos linguísticos do grupo. Nunca duas línguas são suficientemente similares para serem consideradas como representando a mesma realidade social. Os mundos em que sociedades diferentes vivem são mundos distintos, não apenas o mesmo mundo com rótulos diferentes. (SAPIR, 1929, p. 209).<sup>10</sup>

A linguagem corresponderia a um sistema adquirido por estímulos externos/simbólicos compartilhados socialmente que interpretaria a experiência de cada indivíduo e contribuiria para a construção da realidade (Marques, 2014). Por conseguinte, duas línguas que não compartilham do mesmo sistema de símbolos por não serem suficientemente semelhantes pertencem a mundos distintos.

Assim, as ideias relativistas desenvolvidas pelos autores citados acima, contribuíram significativamente para a hipótese da relatividade linguística, sobretudo para o “princípio da relatividade linguística de Whorf”. Outrossim, vale destacar que apesar das discussões sobre a relatividade linguística concentrar-se, de um modo geral, em termos de uma “hipótese Sapir-Whorf”, como será possível constatar, o termo é cercado de controversas.

### ***A “hipótese Sapir-Whorf” e o determinismo linguístico em Benjamin Lee Whorf***

O relativismo linguístico muitas vezes aparece como sendo sinônimo da “hipótese Sapir-Whorf”, justamente pelo fato das ideias relativistas concernente à linguagem terem sido formuladas inicialmente por Edward Sapir e Benjamin Lee Whorf<sup>11</sup>. Desde já, é importante acentuar que a denominação “hipótese Sapir-Whorf” é completamente equivocada, sobretudo porque nenhum dos dois autores formularam a hipótese que recebe seus nomes.

---

<sup>10</sup> No trecho original: “It is quite an illusion to imagine [...] that language is merely an incidental means of solving specific problems of communication or reflection. The fact of the matter is that the ‘real world’ is to a large extent unconsciously built up on the language habits of the group. No two languages are ever sufficiently similar to be considered as representing the same social reality. The worlds in which different societies live are distinct worlds, not merely the same world with different labels attached”.

<sup>11</sup> Mas como demonstramos anteriormente, Humboldt e Boas também foram imprescindíveis – direta ou indiretamente – para o desenvolvimento da hipótese da relatividade linguística. De acordo com Steiner (1972), a linha de continuidade de Humboldt a Whorf dar-se da seguinte maneira: através do trabalho de Steinthal – editor dos textos fragmentados de Humboldt –, a relatividade linguística chega na antropologia de Franz Boas, e por consequência, à etno-linguística de Edward Sapir e Benjamin Lee Whorf.

De acordo com Machado (2015), a hipótese foi “inventada” em 1954, numa conferência proferida por Harry Hoijer, denominada “*Sapir-Whorf Hypothesis*”. Também em Sampaio (2018), é possível atestar que os dois intelectuais nunca publicaram trabalhos em conjunto ou tiveram uma intensa relação profissional. Para autores como Hill e Mannheim (1992, p. 386 citado por Yoo, 2021, p. 6) “assim como o Santo Império Romano não era santo, nem romano, nem um império, a ‘Hipótese Sapir-Whorf’ não é coerente com os escritos de Sapir e Whorf, nem é uma hipótese”.<sup>12</sup>

A “hipótese Sapir-Whorf” aparece como deriva do “princípio da relatividade linguística de Whorf”<sup>13</sup>. Logo, a formulação “*linguistic relativity*” foi de responsabilidade de Whorf (1956), e seu trabalho foi considerado uma das formas mais radicais do relativismo linguístico – também conhecido como determinismo linguístico –, a partir da percepção de que a língua além de exercer influência, também determinava os padrões de pensamento.

Desse modo, umas das proposições centrais de seu trabalho foi demonstrar como as categorias mais fundamentais do pensamento em Hopi, a exemplo dos conceitos de tempo e espaço<sup>14</sup>, seriam diferentes da língua inglesa e de outras línguas indo-europeias. Como lembra Whorf (1956, p. 85) “[...] o Inglês comparado com o Hopi é como uma pancada em comparação com um tear de pinças”<sup>15</sup>. À vista disso, um dos argumentos mais deterministas do autor, pode ser apreendido quando afirma que a estrutura gramatical da língua em Hopi é tão diferente do inglês que fica evidenciado que eles não partilham da mesma percepção de tempo e até mesmo não possuem palavras para se referir a noções tais como passado, presente ou futuro.<sup>16</sup>

Para Whorf (1956), o fato da noção de tempo em Hopi se diferenciar do inglês é justificado por sua percepção da relatividade linguística. Desse modo, o autor compreende que a estrutura da linguagem que pertence a um indivíduo notavelmente influencia a maneira pela qual ele apreende a realidade e age a partir dela. Logo, o seu “princípio da relatividade linguística” significaria:

[...] em termos informais, que os usuários de gramáticas marcadamente diferentes são apontados por suas gramáticas para diferentes tipos de observações e diferentes avaliações de atos de observação externamente

<sup>12</sup> No trecho original: “just as the Holy Roman Empire was neither holy, nor Roman, nor an empire, the ‘Sapir-Whorf Hypothesis’ is neither consistent with the writings of Sapir and Whorf, nor a hypothesis”.

<sup>13</sup> Que seria o papel colaborativo do trabalho de Edward Sapir sob o trabalho de Benjamin Lee Whorf. Para saber mais, ver Rojas e Gomes (2017).

<sup>14</sup> Para Gipper (1979) essa diferença encontrada nos conceitos Hopi de “espaço e tempo” seria a principal característica de seu princípio da relatividade.

<sup>15</sup> No trecho original “[...] English compared to Hopi is like a bludgeon compared to a rapier”.

<sup>16</sup> “[...] segundo Whorf, os hopi não possuem um conceito de tempo similar ao nosso, devido ao fato de que sua língua codifica as experiências com o tempo de maneira diferente das nossas línguas” (Gonçalves, 2008, p. 97).

semelhantes e, portanto, não são equivalentes como observadores, mas devem chegar a visões um pouco diferentes do mundo. (Uma declaração mais formal deste ponto aparece em meu artigo de abril passado.) De cada uma dessas visões de mundo não-formuladas e ingênuas, uma visão de mundo científica explícita pode surgir por uma especialização mais elevada dos mesmos padrões gramaticais básicos que geraram a visão ingênu e implícita. Assim, a visão de mundo da ciência moderna surge por uma maior especialização da gramática básica das línguas indo-européias ocidentais. A ciência não foi CAUSADA por esta gramática; ela foi simplesmente colorida por ela. Ela surgiu neste grupo de línguas devido a um trem de eventos históricos que estimulou o comércio, a medição, a fabricação e a invenção técnica em um quarto do mundo onde estas línguas eram dominantes. (Whorf, 1956, p. 221-222).<sup>17</sup>

A língua nativa de cada pessoa determinaria a forma como ela percebe o mundo à sua volta. Como também, o sistema linguístico gramatical de cada língua não se apresentaria enquanto mero instrumento de reprodução de ideias, ao contrário, o sistema gramatical seria imprescindível enquanto formador de ideias.<sup>18</sup> Consequentemente, a língua não teria apenas a função de comunicação uma vez que se torna impossível formular ideias dissociada de uma gramática particular. De acordo com Whorf (1956), cada gramática conduz observadores a diferentes evidências físicas de uma mesma imagem de universo.<sup>19</sup>

Sendo assim, nenhum indivíduo encontra-se livre para descrever a natureza com total imparcialidade, haja vista que situa-se limitado a certas perspectivas de interpretação enquanto dependente de uma estrutura gramatical. Logo, a hipótese da relatividade linguística desenvolvida por Benjamin Lee Whorf trouxe diversas implicações para as

---

<sup>17</sup> No trecho original: “[...] in informal terms, that users of markedly different grammars are pointed by their grammars toward different types of observations and different evaluations of externally similar acts of observation, and hence are not equivalent as observers but must arrive at somewhat different views of the world. (A more formal statement of this point appears in my article of last April.) From each such unformulated and naive world view, an explicit scientific world view may arise by a higher specialization of the same basic grammatical patterns that fathered the naive and implicit view. Thus the world view of modern science arises by higher specialization of the basic grammar of the Western Indo-European languages. Science of course was not CAUSED by this grammar; it was simply colored by it. It appeared in this group of languages because of a train of historical events that stimulated commerce, measurement, manufacture, and technical invention in a quarter of the world where these languages were dominant (Whorf, 1956, p. 221-222).

<sup>18</sup> Como elucidado pelo autor, o sistema gramatical seria “[...] the program and guide for the individual's mental activity, for his analysis of impressions, for his synthesis of his mental stock in trade” (Whorf, 1956, p. 212).

<sup>19</sup> “We dissect nature along lines laid down by our native languages. The categories and types that we isolate from the world of phenomena we do not find there because they stare every observer in the face; on the contrary, the world is presented in a kaleidoscopic flux of impressions which has to be organized by our minds—and this means largely by the linguistic systems in our minds” (Whorf, 1956, p. 213).

discussões concernentes a linguagem. No entanto, como veremos no tópico seguinte, o autor sofreu numerosas críticas, principalmente, por afirmar que a língua teria um papel determinante e limitante sobre o pensamento.

### **Críticas ao determinismo linguístico em Benjamin Lee Whorf e o universalismo linguístico como anti-relativismo**

Em direção contrária ao relativismo filosófico e linguístico, os anos de 1950 testemunha o surgimento de uma nova escola do pensamento no que tange ao papel desenvolvido pela linguagem. Liderados por Noam Chomsky, a escola de posição universalista rejeita a importância das diferenças nas estruturas que as línguas teriam no modo que as pessoas olham/pensam o mundo, valorizando a existência de uma gramática universal comum pertencente a todas as línguas humanas.

Torna-se importante sublinhar que a crença na universalidade da linguagem humana – do mesmo modo como demonstramos com o relativismo – é anterior as proposições feitas por Noam Chomsky. Como elucida Rodríguez (1998), um dos exemplos mais notáveis na crença da universalidade linguística foi a gramática de Port-Royal e tratados sobre a linguagem no séc. XVIII<sup>20</sup>. Contudo, um dos desafios encontrados é justamente saber quais seriam as propriedades das línguas humanas que poderiam ser tipificadas como universais.

Nesse sentido, para os universalistas, o ser humano vem contemplado com algum equipamento inato do ponto de vista biológico que permite nos primeiros anos de vida adquirir linguagem como sendo uma função transmitida geneticamente. Tais propriedades gerais são inerentes ao ser humano à medida que é uma característica comum a todas as línguas (sendo denominadas de universais linguísticos).

Conforme pôde ser percebido, o pensamento universalista para os quais as línguas não variam tanto assim diverge significativamente das teses relativistas que enunciam a importância das especificidades gramaticais como elemento imprescindível para a percepção de mundo de cada grupo humano. Outrossim, as críticas realizadas pelos universalistas à hipótese do relativismo linguístico são concentradas, geralmente, na versão forte da hipótese desenvolvida por Whorf. Mas de acordo com um dos estudiosos do tema,

[...] os defensores da gramática universal adotaram um tom surpreendentemente desdenhoso e combativo ao criticar o trabalho de Whorf. Outros ataques contra a relatividade linguística têm sido mais *ad hominem*. Por exemplo, em vez de se envolverem com os méritos do trabalho

---

<sup>20</sup> A gramática de Port-Royal foi publicada em 1660, e estabeleceu-se como uma das primeiras gramáticas a preocupar-se com o caráter universal da linguagem. Para saber mais, ver Cizescki (2008).

de Whorf, alguns críticos tentaram dispensá-lo como amador. (Yoo, 2021, p. 16).<sup>21</sup>

As críticas formalizadas ao determinismo linguístico – tido como um relativismo radical – tem sido realizadas ao menos desde a década de 1950 por linguistas de base universalistas e psicólogos de orientação cognitiva. De acordo com Marques (2014), alguns dos aspectos relevantes que fundamentam as críticas efetuadas ao determinismo linguístico são: 1. Metodologia; 2. Falta de rigor; 3. Radicalismo sobre algumas afirmações; e 4. O problema de tradução.

Sendo assim, entre as principais refutações realizadas ao estudo desenvolvido por Whorf (1956) aparecem o fato da análise de dados reunidos pelo autor ter sido considerada pouco científica e não constatável empiricamente. Como também, a crítica ao papel da língua como elemento determinante e limitante sobre o pensamento, a exemplo da ausência de palavras em uma língua como a noção de passado e futuro em Hopi que impediria o conhecimento científico de tal conceito. Bem como, a proposição de falantes serem incapazes de compreender conceitos de outras línguas e a incapacidade de traduções fidedignas.<sup>22</sup> Dessa maneira, será possível verificar que a ideia dos universais linguísticos desenvolvida por Noam Chomsky se apresenta como uma antítese ao postulado da hipótese do determinismo linguístico.

### ***A Gramática Universal de Noam Chomsky***

A inserção da ciência da linguagem no campo das ciências naturais é resultado do trabalho realizado por Noam Chomsky que deslocou a discussão do eixo behaviorista para uma abordagem biológica. Conforme ressalta Galego e Chomsky (2020), existe evidências consideráveis a favor da hipótese que a faculdade da linguagem seja uma capacidade cognitiva típica do ser humano, cuja gênese é relativamente recente em nossa história evolutiva.

A faculdade humana da linguagem se apresenta como uma verdadeira “propriedade da espécie”, e cambia pouco entre as pessoas. Assim, por mais divergente que pareça os aspectos lexicais de uma língua é possível transmitir qualquer conteúdo conceitual para outra língua. Retomando os princípios universalistas, desde à gramática de Port-Royal,

---

<sup>21</sup> No trecho original: [...] advocates of the universal grammar adopted a surprisingly dismissive and combative tone when criticizing Whorf's work. Other attacks against linguistic relativity have been more *ad hominem*. For example, instead of engaging with the merits of Whorf's work, some critics attempted to dismiss him as an amateur”.

<sup>22</sup> Para Lima (2020, p. 19), à medida que Whorf considera que é impossível realizar traduções, o autor entra em contradição com seu estudo. Haja vista que o próprio autor foi capaz de traduzir as línguas indígenas com as quais teve contato.

Chomsky (1998) acredita que a linguagem humana é nos primeiros anos de vida como se fosse um “órgão inato” transmitido geneticamente.

Como lembra o autor, embora o ambiente importe, a aquisição da língua muito se parece com o crescimento dos órgãos, quer dizer, é um processo espontâneo que acontece com a criança – sem estímulos e pressões externas –, e não algo que a criança o faz. Tal característica, segundo Galego e Chomsky (2020, p. 54), vai ser denominada de “Pobreza do Estímulo” (PdE) à medida que “[...] os estímulos ambientais não determinam o desenvolvimento dos organismos; na maioria das vezes, eles nem chegam perto”.

Portanto, as diferenças entre as línguas não são tão relevantes ao passo de influenciar a cognição humana. O autor acredita que todos seres humanos nascem pré-equipados com um dispositivo pronto para a linguagem (que ele vem chamar de gramática universal [GU]). Logo, apesar de compreender que existem variações estruturais encontradas em todas as línguas, tais variações são limitadas pela existência da gramática universal. Como é possível perceber na assertiva de Chomsky (1980, p. 34),

Um órgão físico, o coração, digamos, pode variar de indivíduo para indivíduo em dimensão ou potência. Sua estrutura básica, porém, bem como sua função na fisiologia humana, são comuns à espécie. Analogamente, dois indivíduos na mesma comunidade lingüística podem adquirir gramáticas que difiram pouco em escala e sutileza. Além do mais, os produtos da faculdade da linguagem variam dependendo da experiência que os desencadeia, variação que cobre a classe de línguas humanas possíveis (em princípio). Essas variações estruturais são, sem dúvida, severamente limitadas pela GU; e as funções da linguagem na vida humana também são indubitavelmente restringidas de forma rigorosa, embora ninguém tenha ainda encontrado uma maneira de ir muito além de uma taxionomia ao lidar com esse problema.

O universalismo proposto pelo modelo chomskiano representa uma negação inevitável para a hipótese Humboldt-Sapir-Whorf em sua forma mais forte (Steiner, 1972). Destarte, a partir dos estudos de Chomsky, instaurou-se um conflito de ideias entre relativistas, de um lado, que acreditam na importância das diferenças gramaticais entre as línguas e, universalistas por outro lado, que concordam que tais diferenças são limitadas pela existência de uma gramática universal. Também outra característica fundamental que distingue o universalismo do relativismo encontra explicação nas ideias universais que a língua não determina/influencia o pensamento, mas antes, o pensamento que determina as línguas (o que vai em desencontro com a tese forte do relativismo linguístico). Desse modo,

o universalismo proposto pelos trabalhos de Chomsky será uma tese fortemente aceita tanto entre linguistas quanto por pesquisadores das ciências cognitivas.

### **Considerações finais**

A linguagem se apresenta como um objeto de estudo complexo à medida que são numerosos os campos científicos que buscam explicar esse objeto, cada qual com um prisma particular. Como lembra Galego e Chomsky (2020), os estudos sobre a linguagem adquirem cada vez mais dimensões sociais, artística e político-culturais, além de muitas outras.

O debate em torno da linguagem e sua relação com o pensamento humano tem envolvido duas escolas do pensamento – relativismo e universalismo linguístico – que buscam, cada um à sua maneira, elucidar uma das mais complexas experiências fenomenológicas da humanidade. De acordo com Steiner (1972) é difícil imaginar que uma única hipótese consiga realizar essa tarefa, sobretudo porque tanto no caso relativista quanto no universalista existem sérias questões em aberto<sup>23</sup>. Além do mais, testemunha-se numerosas abordagens intermediárias nas duas posições, uma vez que geralmente estas não são mantidas com absoluto rigor<sup>24</sup>.

Desse modo, a linguagem se estabelece como um dos elementos mais relevantes da história da sociedade humana, destacando-se como traço *sui generis*. Assim, “[...] na vida dos indivíduos e das sociedades, a linguagem constitui fator mais importante que qualquer outro” (Saussure, [1916] 2006, p. 14). Portanto, apesar da ampliação dos conhecimentos científicos em torno da linguagem, até o presente momento, não se chegou a um acordo consensual quanto à sua “natureza”.

### **Agência financiadora**

Agradeço inicialmente ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq – processo nº 161187/2021-8) pelo apoio inicial à pesquisa, e à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP – processo nº 2021/09059-4), pelo fomento à pesquisa em desenvolvimento.

---

<sup>23</sup> A impossibilidade de uma única abordagem se dá em razão da linguagem envolver numerosas áreas tais como a antropologia, a biologia molecular, a neurofisiologia a “arqueo-sociologia”, ao passo que nenhuma destas disciplinas tem competência geral (Steiner, 1972).

<sup>24</sup> “There are “monadic” touches and nuances of linguistic relativism in the universalist grammars of Roger Bacon, of the grammarians of Port Royal, and even in the contemporary transformational generative grammars. There are, on the other hand, universalist notions in the relativism of Humboldt, of Sapir, and even of Whorf” (Steiner, 1972, p. 15-16).

## REFERÊNCIAS

- Campos, J. (2011). Chomsky vs Pinker: na interface entre linguística e psicologia evolucionária. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 46, n. 3, p. 12-17. <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/view/9739>
- Chomsky, N. (1998). *Linguagem e mente: pensamentos atuais sobre antigos problemas*. Brasília: Editora Universidade de Brasília.
- Chomsky, N. (1980). *Reflexões sobre a linguagem*. São Paulo: Cultrix.
- Cizescki, F. (2008). Entre Chomsky e Port-Royal: uma análise da leitura chomskiana. *Work. Pap. Linguíst.*, v. 9, n. 1, p. 121-131. <https://doi.org/10.5007/1984-8420.2008v9n1p121>
- Galego; A. J., & Chomsky, N. (2020). A faculdade da linguagem: um objeto biológico, uma janela para a mente e uma ponte entre disciplinas. *Revista Linguística*, Rio de Janeiro, v. 16, número especial comemorativo, p. 52-84. <https://doi.org/10.31513/linguistica.2020.v16nEsp.a39404>
- Gipper, H. (1979). Is there a linguistic relativity principle? On the verification of the Sapir-Whorf hypothesis. *Indiana*, v. 5, n. 1, p. 1-14. <https://doi.org/10.18441/ind.v5i0.1-14>
- Gonçalves, R. T. (2008). *Perpétua prisão órfica ou Ênio tinha três corações: o relativismo lingüístico e o aspecto criativo da linguagem*. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba.
- Hauser, M. D., Chomsky, N.; & Fitch, W. T. (2002). The faculty of language: what is it, who has it, and how did it evolve? *Science*, v. 298, p. 1569-1579. <https://doi.org/10.1126/science.298.5598.1569>
- Lima, L. F. de (2020). *Relativismo lingüístico: a relação entre língua e pensamento na conceitualização do tempo*. Monografia (Graduação em Letras – Língua Inglesa) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa.
- Machado, I. (2015). *A reinvenção da “hipótese Sapir-Whorf”*. *Línguas e Instrumentos Linguísticos*, n. 35, p. 29-52. <http://www.revistalinguas.com/edicao35/artigo2.pdf>
- MARQUES, V. P. do N. (2014). *Relativismo lingüístico revisitado: como categorias numéricas podem influenciar a representação do mundo*. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Escola de Ciências Sociais e Humanas, Instituto Universitário de Lisboa, Lisboa.
- Robl, A. (1975). Língua e “recorte” da realidade: uma abordagem da relação língua – cultura. *Letras*, Curitiba, v. 24, p. 3-20. <https://revistas.ufpr.br/letras/article/download/19582/12797>
- Rodríguez, A. M. (1998). Universalismo e relativismo lingüístico. *Revista Philologus*, Rio de Janeiro, v. 11, p. 27-37. <http://www.filologia.org.br/revista/11/02.pdf>
- Rojas, L. R., & Gomes, N. dos S. G. (2017). O relativismo lingüístico no conto “A história de sua vida”, de Ted Chiang (Textos Completos). In: *Anais do XXI Congresso Nacional de Linguística e Filologia*, Rio de Janeiro, v. 21, n. 3, p. 2195-2213. [http://www.filologia.org.br/xxi\\_cnlf/cnlf/tomo2/0163.pdf](http://www.filologia.org.br/xxi_cnlf/cnlf/tomo2/0163.pdf)
- Sampaio, R. D. (2018). Linguagem, cognição e cultura: a hipótese Sapir-Whorf. *Cadernos do IL*, Porto Alegre, n. 56, p. 229-240. <https://doi.org/10.22456/2236-6385.83356>
- Sapir, E. ([1921] 1994). *El lenguaje: introducción al estudio del habla*. México: Fondo de Cultura Económica.
- Sapir, E. (1929). The status of linguistics as a Science. *Language*, v. 5, n. 4, p. 207-214. <https://doi.org/10.2307/409588>
- Saussure, F. de ([1996] 2006). *Curso de lingüística geral*. São Paulo: Cultrix.
- Steiner, G. (1972). Whorf, Chomsky and the student of literature. *New Literary History*, Autumn, v. 4, n. 1, p. 15-34. <https://doi.org/10.2307/468489>
- Whorf, B. L. (1956). *Language, thought and reality: selected writings of Benjamin Lee Whorf*. Edit. John B. Carrol. Cambridge, MA: The MIT Press.
- Yoo, C. S. (2021). *What is the relationship between language and thought? Linguistic Relativity and its Implications for Copyright*. Faculty Scholarship at Penn Law. [https://scholarship.law.upenn.edu/faculty\\_scholarship/2625/](https://scholarship.law.upenn.edu/faculty_scholarship/2625/)